



Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A VICTOR S. GONÇALVES

Ana Catarina Sousa · António Carvalho · Catarina Viegas (eds.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

9.
SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

Capa: desenho geral e fotos de Victor S. Gonçalves.
Face: representação sobre cerâmica da Deusa com Olhos de Sol, reunindo, o que é muito raro, todos os atributos da face – sobancelhas, Olhos de Sol, nariz com representação das narinas, «tatuagens» faciais, boca e queixo. Sala n.º 1, Pedrógão do Alentejo, meados do 3.º milénio. Altura real: 66,81 mm.
Verso: Cegonhas, no Pinhal da Poupa, perto da entrada para o Barrocal das Freiras, Montemor-o-Novo (para além de várias metáforas, uma pequena homenagem a Tim Burton...).

Paginação e Artes finais: TVM designers

Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares + 100 com capa dura, numerados.

Brochado: ISBN: 978-989-99146-2-9 / Depósito Legal: 409 414/16
Capa dura: ISBN: 978-989-99146-3-6 / Depósito Legal: 409 415/16

Copyright ©, 2016, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2016.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. ed., (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
ANA CATARINA SOUSA ANTÓNIO CARVALHO CATARINA VIEGAS	
VICTOR S. GONÇALVES E A FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA	15
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
TEXTOS EM HOMENAGEM	
Da Serra da Neve a Ponta Negra em busca do Munhino I	21
ANA PAULA TAVARES	
Reconstruir a paisagem	27
ANTÓNIO ALFARROBA	
O «ciclo de Cascais». Victor S. Gonçalves e a arqueologia cascalense	33
ANTÓNIO CARVALHO	
Os altares dos «primeiros povoadores da Lusitânia»: visões do Megalitismo ocidental	45
CARLOS FABIÃO	

Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação JOÃO LUÍS CARDOSO	69
Optimismo, pessimismo e «mínimo vital» em arqueologia pré-histórica, seguido de foco em terras de (Mon)Xaraz LUÍS RAPOSO	81
O Neolítico Antigo de Vale da Mata (Cambelas, Torres Vedras) JOÃO ZILHÃO	97
No caminho das pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora) MANUEL CALADO	113
As placas votivas da «Anta Grande» da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular MARCO ANTÓNIO ANDRADE	125
O Menir do Patalou – Nisa. Entre contextos e cronologias JORGE DE OLIVEIRA	149
Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano LEONOR ROCHA	167
Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal) ELENA MORÁN	179
Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/ 3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo) RUI MATALOTO · CATARINA COSTEIRA	189
Megalitismo e Metalurgia. Os <i>Tholoi</i> do Centro e Sul de Portugal ANA CATARINA SOUSA	209
A comunicação sobre o 3.º Milénio a.n.e. nos museus do Algarve RUI PARREIRA	243
Informação intelectual – Informação genética – Sobre questões da tipologia e o método tipológico MICHAEL KUNST	257
Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do <i>tholos</i> de Aqualva RUI BOAVENTURA · ANA MARIA SILVA · MARIA TERESA FERREIRA	293
El Campaniforme Tardío en el Valle del Guadalquivir: una interpretación sin cerrar J. C. MARTÍN DE LA CRUZ · J. M. GARRIDO ANGUITA	309

Innovación y tradición en la Prehistoria Reciente del Sudeste de la Península Ibérica y la Alta Andalucía (c. 5500-2000 Cal a.C.)	317
FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ · JUAN ANTONIO CÁMARA SERANO JOSÉ ANDRÉS AFONSO MARRERO · LILIANA SPANEDDA	
A Evolução da Metalurgia durante a Pré-História no Sudoeste Português	341
ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO	
Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social	359
JOAQUINA SOARES · CARLOS TAVARES DA SILVA	
Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa	387
ELISA DE SOUSA	
À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal	403
ANA MARGARIDA ARRUDA	
Entre Lusitanos e Vetões. Algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira	425
AMILCAR GUERRA	
O sítio romano da Comenda: novos dados da campanha de 1977	439
CATARINA VIEGAS	
A Torre de Hércules e as emissões monetárias de D. Fernando I de Portugal na Corunha	467
RUI M. S. CENTENO	
Paletas Egípcias Pré-Dinásticas em Portugal	481
LUÍS MANUEL DE ARAÚJO	
À MANEIRA DE UM CURRICULUM VITAE, SEGUIDO POR UM ENSAIO DE FOTOBIOGRAFIA	489
Victor S. Gonçalves (1946-). À maneira de um <i>curriculum vitæ</i>	491
Legendas e curtos textos a propósito das imagens do Album Fotobiografia	549 558
LIVRO DE CUMPRIMENTOS	619
ÚLTIMA PÁGINA	623

PERSCRUTANDO ESPÓLIOS ANTIGOS: O ESPÓLIO ANTROPOLÓGICO DO *THOLOS* DE AGUALVA

RUI BOAVENTURA^{1,2}

ANA MARIA SILVA^{1,3,4}

MARIA TERESA FERREIRA⁴

RESUMO

O espólio ósseo humano proveniente do *tholos* de Aqualva é re-analisado à luz de novos dados e métodos. Presentemente, esta colecção é constituída por aproximadamente 600 peças osteológicas muito fragmentadas e incompletas que correspondem a um mínimo de 12 indivíduos, 8 adultos (incluindo dois do sexo feminino e três do masculino) e 4 não adultos. Entre os adultos incluem-se dois indivíduos que faleceram com mais de 30 anos. A criança mais nova detectada nesta amostra teria entre 5 e 10 anos na época da morte, para além de mais duas que faleceram entre os 10 e 14 anos. Os restos odontológicos foram particularmente informativos sobre patologias e lesões: estes indivíduos possuíam um desgaste dentário médio ($\bar{x}=3,77$; $n=20$), com 14,6% (7/48) dos dentes perdidos em vida e 30%, com lesões cariogénicas (6/20). Estes valores são mais elevados que os usualmente documentados para séries coevas, mas podem estar um pouco enviesados face ao reduzido tamanho da amostra. Sinais de patologia degenerativa, infecciosa e circulatória constituem as restantes evidências das moléstias de que estes indivíduos padeceram. Em suma, o presente contributo é mais um testemunho que o estudo de colecções ósseas antigas constitui uma fonte insubstituível sobre as populações do passado.

ABSTRACT

the human bones from the Aqualva *tholos* are re-examined in the light of new data and methods. The collection consists of about 600 very fragmented and incomplete bones that add up to a minimum number of 12 individuals, 8 adults (including two female and three male) and 4 non adults. Among adults, two individuals over 30 years were identified. The youngest child in this sample would be between 5 and 10 years old at the time of death and two more died between the ages of 10 and 14 years. The dental remains

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.
boaventura.rui@gmail.com
amgsilva@antrop.uc.pt

² FCT.

³ Laboratório de Antropologia Forense, Centro de Ecologia Funcional – Departamento Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.
mtsferreira@yahoo.com

⁴ Laboratório da Pré-história, CIAS – Departamento Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.

yielded particularly interesting information regarding diseases and injuries: these individuals showed a medium tooth wear ($x = 3.77$, $n = 20$) and 14.6% (7/48) of ante mortem tooth lost. 30% of the analysed teeth presented cariogenic lesions (6/20). These values are higher than those usually documented for coeval series, but may be a little biased due to the small size of the sample. Signs of degenerative, infectious and circulatory pathologies constitute the remaining evidence of diseases suffered by these individuals.

INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se num projecto mais amplo que os signatários têm vindo a realizar nos últimos anos para contextos funerários do 4.º e 3.º milénios na Península de Lisboa. Merecem destaque os estudos realizados para as antas de Lisboa (Boaventura, 2009; Fig. 1) e para a Estremadura litoral (Silva, 2002), teses de doutoramento em que o estudo de colecções antigas se revelou essencial. Esta abordagem inclui ainda a revisão de diversas colecções antigas (Boaventura *et al.*, 2013;2014; Silva e Ferreira, 2007; 2008a,b; Silva *et al.* 2006; 2008; 2012; 2014, entre outros).

O estudo de necrópoles na Estremadura apresenta vantagens e desvantagens. Por um lado, os solos calcários permitem uma boa preservação do material osteológico, circunstância que não ocorre noutras regiões do território português, nomeadamente nos solos graníticos do Alentejo. Porém, a maior parte dos trabalhos arqueológicos ocorreram há muitas décadas, com nenhum ou insuficiente levantamento estratigráfico e antropológico não sendo possível conceber um projecto de novas escavações conduzidas com metodologia rigorosa, pois aqueles contextos foram, na sua maioria, escavados integralmente.

Os *tholoi* correspondem a uma tipologia de sepulcro de difícil visibilidade. Na Estremadura muitos destes monumentos encontram-se total ou parcialmente destruídos como é o caso de Cabeço da Arruda (CNS 1748, Torres Vedras), Serra das Mutelas (CNS 1626 Torres Vedras), Samarra (CNS 3773, Sintra), Pedreira do Campo (CNS- 6116, Amadora) e o, agora revisitado, o *tholos* da Agualva.

PERSCRUTANDO O THOLOS DE AGUALVA: BREVES CONSIDERAÇÕES

O *tholos* de Agualva, hoje destruído, encontrava-se situado no distrito de Lisboa, concelho de Sintra, freguesia de Agualva/Mira Sintra, e está referenciado com o CNS 654, apresentando as coordenadas geográficas WGS84 38.7714396853, 9.29859705078 (Fig. 2).

O monumento foi identificado em 1951 e publicado em 1953 por Octávio da Veiga Ferreira. A sua identificação em fase de obras (abertura de canalizações) pode explicar

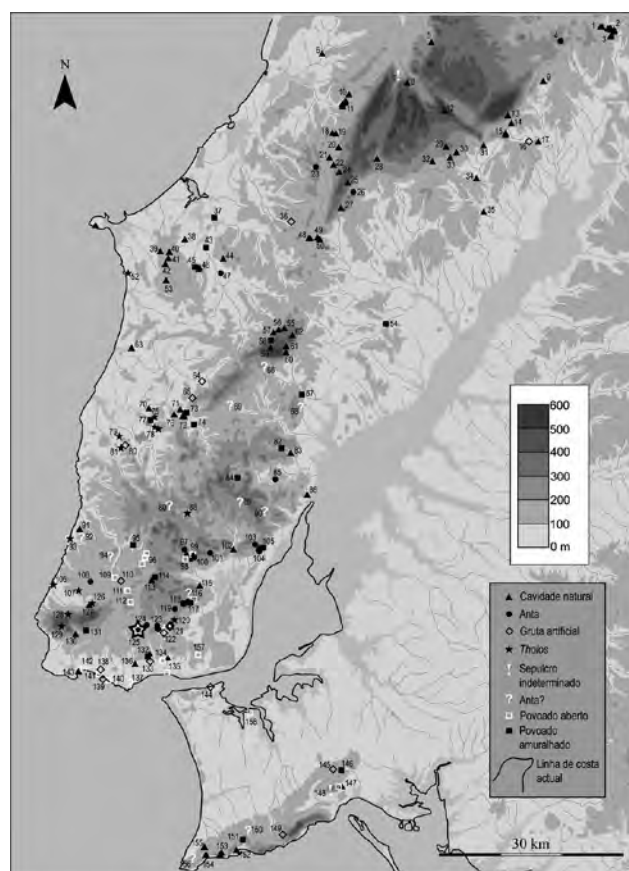


FIG. 1. Situação do *tholos* de Agualva (indicado pelo n.º 125) no contexto de Megalitismo da Estremadura portuguesa (adaptado de Boaventura, 2009, p. 34, Fig. 2).



FIG. 2. Posição do *tholos* de Agualva na folha n.º 416 da Carta Militar de Portugal (esc. 1: 25000). Coordenadas de acordo com a base de dados *Endovélico* (DGPC, CNS 654).



FIG. 3. Foto do local da rua onde está soterrado o *tholos* de Agualva (*Aqua Alba* n.º 14 de Junho de 1984).

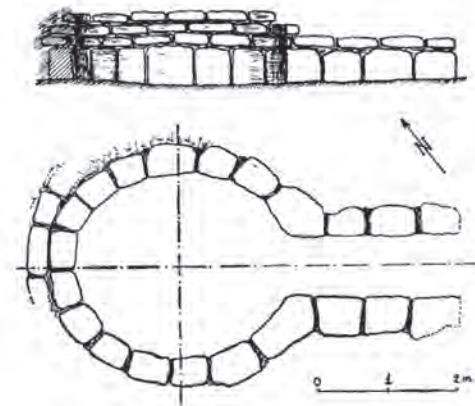


FIG. 4. Planta e alçado do *tholos* de Agualva (adaptado de Ferreira, 1953, p. 147, Fig. 1).

a escassez de informação de campo. O artigo publicado não apresenta uma única foto (Fig. 3, integrando apenas uma planta esquemática que foi depois reproduzida por Vera Leisner, 1965; Fig. 4).

Em termos arquitectónicos refere-se que «a câmara ou cripta é um recinto elíptico tendo de eixo maior 3 m e de menor 2,5 m. A galeria tinha, no estado em que se encontrava, 2,5 m de comprimento por 0,90 a 1,10 m de largura» (Ferreira, 1953, p. 148). A técnica construtiva corresponde ao habitual modelo estremenho com câmara em cúpula integral e corredor em muro (vide Sousa, neste volume). É ainda referido que o «edifício tumular assentava directamente sobre a bancada de calcários do Cenomaniano, e foi, justamente, entre dois grandes blocos deste calcário que ficou construído o túmulo» (*idem, ibidem*).

As deposições funerárias são sumariamente descritas por O. da Veiga Ferreira: «Os esqueletos embora todos amassados, por causa do abatimento da cúpula e entulhamento desta, estavam sem dúvida encostados às paredes da cripta e galeria na sua posição mais vulgar, isto é, acorados» (Ferreira, 1953, p. 150-151).

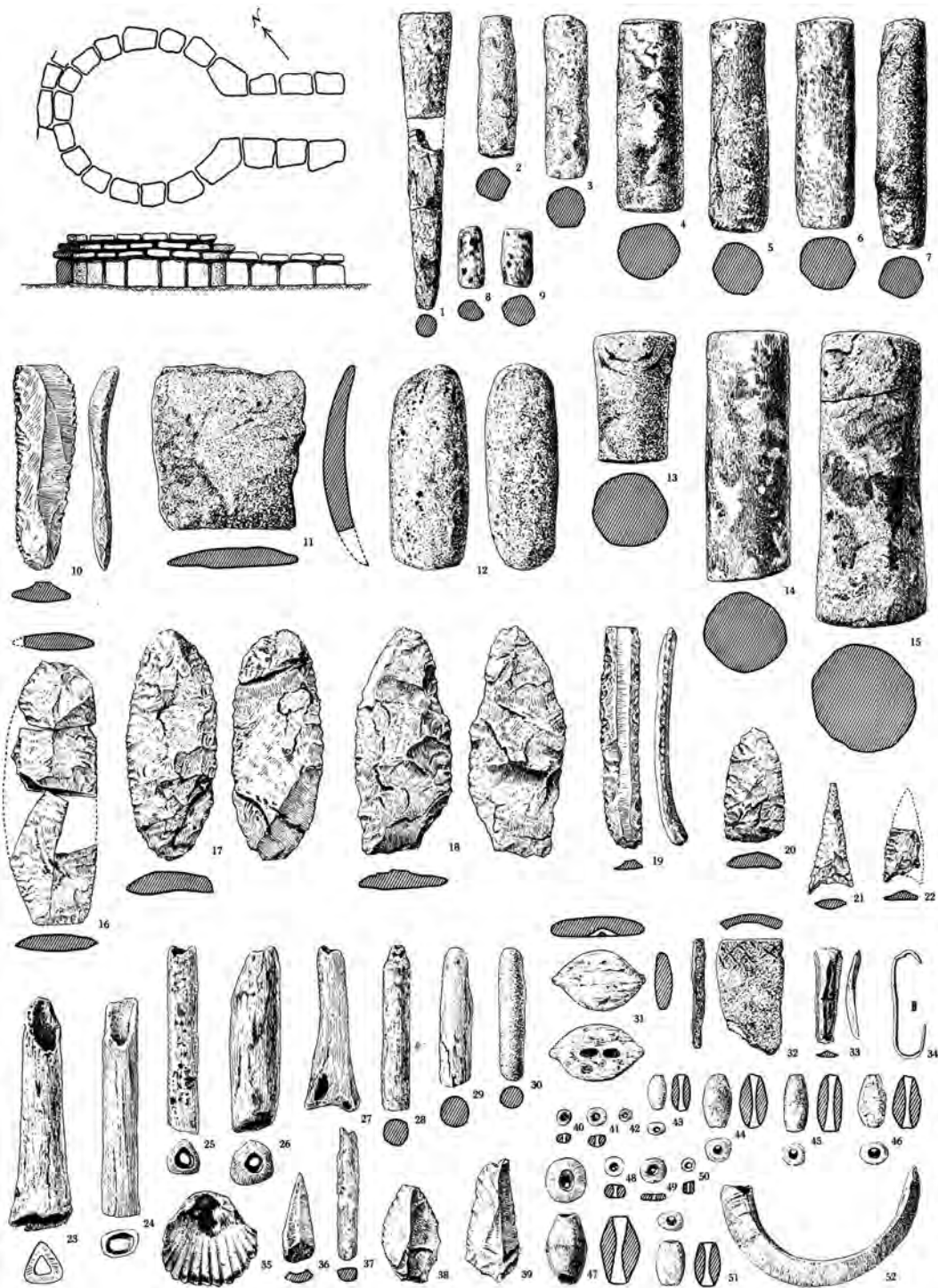


FIG. 5. Exemplos do espólio recolhido no *tholos* de Agualva, adaptado de Leisner, 1965, Taf. 51 (a planta e alçado apresentados foram redesenhados por Vera Leisner a partir da planta original apresentada por Octávio da Veiga Ferreira). Destaca-se no conjunto a presença de betilos de calcário (alguns com representação de pinturas/tatuagens faciais), lâminas ovóides, cabos de instrumento em osso e um botão em osso com perfuração em V.

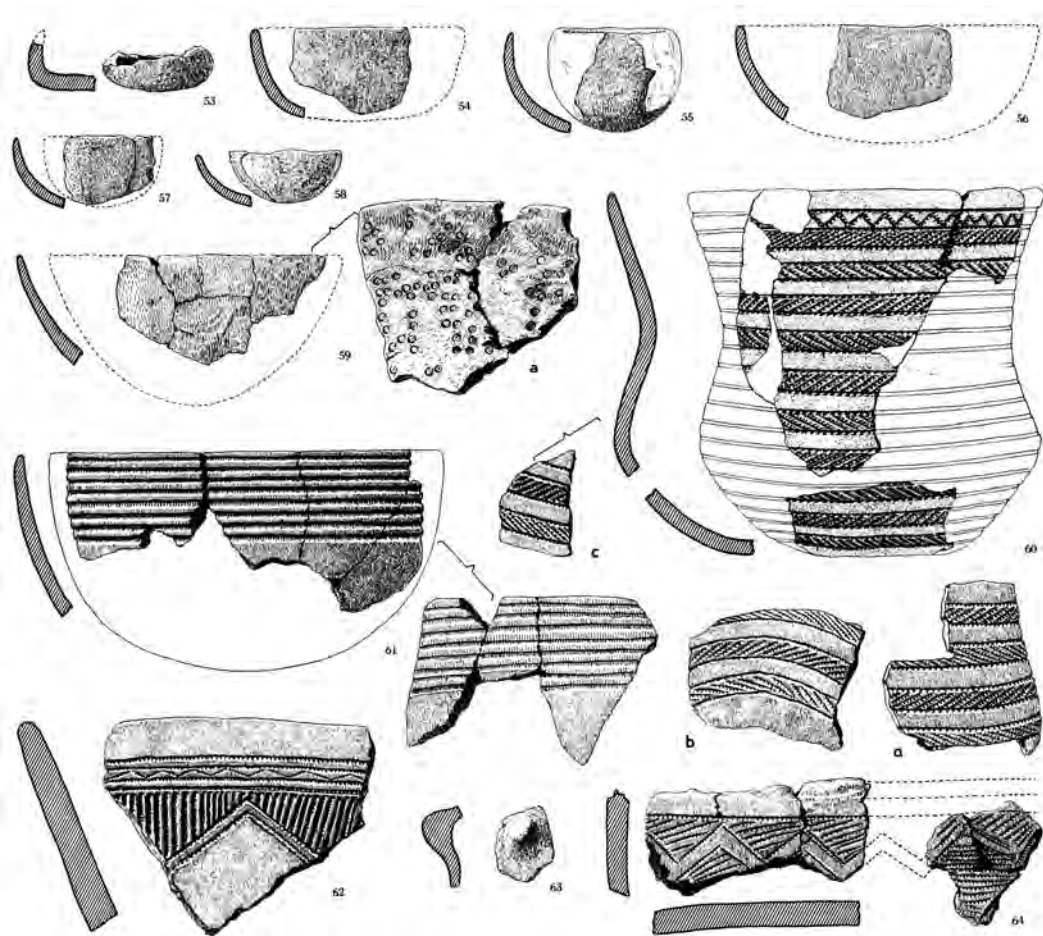


FIG. 6. Exemplos do espólio cerâmico recolhido no *tholos* de Agualva (adaptado de Leisner, 1965, Taf. 52). Destaca-se no conjunto a presença de taças caneladas e recipientes campaniformes (dos estilos marítimo e pontilhado geométrico).

Face à escassez das descrições e à ausência de fotos, é provável que o monumento estivesse já profundamente afectado pela abertura da vala de canalização aquando da primeira visita de Veiga Ferreira. Deverá ter existido alguma escavação, atendendo à nota que agradece ao achador «pelo cuidado em comunicar os primeiros achados que nos levou a efectuar a exploração metódica deste monumento» (Ferreira, 1953, p. 145).

Sendo escassa a informação de campo, o espólio exumado constitui o único património passível de um estudo. O espólio votivo (Figs. 5 e 6) corresponde genericamente ao pacote artefactual dos contextos funerários do 3.º milénio, sendo possível que existam duas etapas no 3.º milénio, uma ante-campaniforme evidenciada pela presença de um conjunto importante de ídolos cilíndricos betilóides (16), ídolos gola em osso (2) cuja datação pelo radiocarbono parece coincidir (tabela 1).

TABELA 1. RESULTADOS DE DATAÇÃO DE UMA AMOSTRA DE FÉMUR HUMANO PROVENIENTE DO THOLOS DE AGUALVA

Adaptado de Boaventura, 2009, anexo 3, quadro 22

CÓDIGO LAB.	CÓDIGO DA AMOSTRA	DATA BP	$\delta^{13}C$	1 SIGMA	2 SIGMA
Agualva Beta-239754	Fémur esquerdo humano MG295.422. (Recolhido por OV Ferreira, sem localização conhecida).	4110±40	-20,00	2860-2810 (17,2) 2750-2720 (7,8) 2700-2580 (43,1)	2880-2570 (94,3) 2520-2500 (1,1)

E outra campaniforme atestada pela presença de campaniforme marítimo, inciso (Palmela) e pela presença de botões em osso. O acervo inclui ainda elementos de adorno (contas de colar de pedra verde, de xisto e concha), pedra lascada (ponta de seta, pontas de dardo, alabarda, raspadeiras, lâminas), ossos humanos e restos faunísticos. Todo a colecção se encontra depositada no Museu Geológico.

O presente estudo concentra-se exclusivamente sobre o espólio antropológico, correspondendo a mais um contributo para a reconstituição das práticas funerárias do 4.º e 3.º milénios no Centro e Sul de Portugal e para o estudo integrado destas comunidades.

O ESPÓLIO OSTEOLÓGICO HUMANO

MATERIAL E MÉTODOS

O espólio osteológico originário do *tholos* de Agualva é constituído por cerca de 600 peças ósseas acondicionadas em caixas de cartão com etiquetas referindo «Tholos de Agualva – Cacém» e sob o número de código 295 do Museu Geológico (Fig. 7). Ainda que na publicação de Veiga Ferreira (1953:150) se mencionem esqueletos, presentemente esta colecção é constituída por um conjunto de restos ósseos desarticulados.

A análise laboratorial dos restos osteológicos humanos do *tholos* de Agualva segue os métodos utilizados por Silva (2002) de forma a permitir uma homogeneização metodológica.

Após a separação inicial de ossos de indivíduos adultos dos de não adultos, estes foram classificados por tipo de osso e lateralidade. Recorrendo aos métodos mais apropriados para cada uma destas classes etárias é posteriormente possível estimar o número mínimo de indivíduos (NMI) (Crubézy, 2000; Silva, 2000; 2002). No caso dos indivíduos adultos, o método proposto por Herrmann *et al.* (1990, com a adaptação de Silva, 1993) tem-se revelado de grande aplicabilidade. De modo sumário (para uma descrição mais pormenorizada consultar Silva, 1996), de acordo com este método, é necessário determinar o NMI para cada tipo de osso separadamente e por lateralidade, representado a peça óssea mais numerosa o NMI para a amostra em análise. No caso dos não adultos, também se deve ter em conta a idade à morte no cálculo do NMI (Silva, 2002).

Na análise paleodemográfica realizou-se a estimativa da idade à morte e a diagnose sexual, utilizando os métodos recomendados por Ferembach *et al.* (1980) e Buikstra e Ubelaker (1994).



FIG. 7. Aspecto geral do material osteológico de *tholos* de Agualva antes da limpeza.

A diagnose sexual dos indivíduos baseou-se em dados morfológicos métricos e não métricos, seguindo-se as recomendações de Buikstra e Ubelaker (1994), para as características morfológicas do osso coxal e do crânio, o método proposto por Wasterlain (2000) para os ossos longos e Silva (1995) para o talus e o calcâneo. Para a estimativa da idade à morte recorreu-se à fusão da extremidade esternal da clavícula (MacLaughlin, 1990), ao comprimento das diáfises dos ossos longos (Scheuer e Black, 2000) e à maturação dentária (Alqhtani *et al.*, 2010; Smith, 1991).

A análise morfológica não métrica dentária foi realizada de acordo com o sistema ASUDAS (Turner *et al.* 1991) seguindo as recomendações de Silva (2002).

O desgaste dentário foi registado de acordo com Smith (1984) com as adaptações propostas por Silva (1996) para o estudo de dentes recuperados soltos. No registo das lesões cariogénicas seguiu-se a metodologia de Luckacs (1989) e de Moore e Corbertt (1971). As lesões periapicais foram classificadas de acordo com Dias e Taylor (1997).

No que concerne a patologia degenerativa, articular ou não articular, a intensidade das lesões foi classificada de acordo com as propostas de Crubézy (1988), numa escala de 0 a 3. Outras lesões encontradas serão descritas de acordo com as recomendações de Aufderheide e Rodríguez-Martín (1998).

RESULTADOS

Como referido, o espólio osteológico do *tholos* de Agualva é composto por cerca de 600 peças ósseas de todas as regiões anatómicas. Essas peças estão bastante fragmentadas, o que dificultou muito a sua análise, sobretudo o cálculo do número mínimo de indivíduos que parece subestimado: 8 adultos (tabela 2) e 4 não adultos. As peças ósseas mostram uma tonalidade castanha-avermelhada (semelhante ao sedimento argiloso envolvente), erosão da superfície óssea, algumas marcas antigas de dentes de roedores (Fig. 8), pequenas concreções de sedimentos (Fig. 9) e várias lesões pós-morte mais ou menos recentes. Poucas foram as ligações ósseas de segunda ordem conseguidas. Este facto associado às lesões pós-morte recentes é compatível com o relato da descoberta do monumento durante trabalhos de construção e da recolha parcial e incompleta do material ósseo humano.

No que concerne os restos odontológicos de Agualva, estes são constituídos por nove fragmentos de mandíbula, dois fragmentos de maxilar superior (que pertencem à mesma peça) e 15 dentes soltos. Estes últimos incluem o único dente decíduo da coleção, um canino superior direito. Entre a amostra dos dentes permanentes, um incisivo central superior esquerdo ainda se encontra em formação com cerca de $\frac{1}{4}$ da raiz formada o que corresponde a um indivíduo que terá falecido com cerca de 6,5 anos de idade.



FIG. 8. Marcas de roedores na superfície lateral ao meio da diáfise de uma ulna direita de *tholos* de Agualva (295.04a.039).



FIG. 9. Concreções de sedimento na extremidade proximal de um metatarsico de *tholos* de Agualva (295.08.202).

TABELA 2. NÚMERO MÍNIMO DE INDIVÍDUOS ADULTOS PROVENIENTE DO THOLOS DE AGUALVA

OSSO	ESQUERDO	DIREITO
Osso temporal	6	6
Mandíbula	4	
Clavícula	3	3
Úmero	3	3
Rádio	3	2
Ulna	3	4
Fémur	6	3
Tíbia	1	3
Fíbula	0	1
Talus	5	8
Calcâneo	3	2

A diagnose sexual foi realizada com base em características morfológicas não métricas da apófise mastóide em seis ossos temporais, e com base na análise métrica em dez ossos (tabela 3). O cruzamento dos dados obtidos sugere a presença de pelo menos dois indivíduos do sexo feminino e três do sexo masculino. Apenas duas peças ósseas de adultos possibilitaram ilações sobre a idade à morte: duas clavículas direitas (295.4a.001 e 295.4a.002) cujas extremidades esternais encerradas sugerem indivíduos adultos maduros, ou seja, com mais de 30 anos de idade à morte. Como já foi referido, os indivíduos não adultos incluem uma criança com idade à morte entre os 5 e os 10 anos, e dois juvenis com cerca de 10 a 14 anos no momento da morte.

TABELA 3. RESULTADOS DA DIAGNOSE SEXUAL DOS INDIVÍDUOS ADULTOS DO THOLOS DE AGUALVA

OSSO	ANÁLISE MORFOLÓGICA	SEXO
Temporal esquerdo (295.02.007)	Apófise mastóide curta e grácil	Feminino
Temporal direito (295.02.008)	Apófise mastóide curta e grácil	Feminino
Temporal direito (295.5b.037)	Apófise mastóide larga e comprida	Masculino
Temporal direito (295.5b.038)	Apófise mastóide larga e comprida	Masculino
Temporal direito (295.5b.039)	Apófise mastóide larga e comprida	Masculino
Crânio (295.10.001)	Apófise mastóide curta e grácil	Feminino
Úmero esquerdo (295.4a.006)	Largura epicondiliana > 55 mm	Masculino
Fémur (295.10.002)	Cabeça do fémur: \varnothing vertical = 31 mm; \varnothing transverso = 32 mm	Feminino
Talus esquerdo (295.5a.004)	Comprimento = 54 mm	Masculino
Talus direito (295.5a.009)	Comprimento = 46 mm	Feminino
Talus direito (295.5a.010)	Comprimento = 51 mm	Indeterminado
Talus direito (295.5a.011)	Comprimento = 55 mm	Masculino
Talus direito (295.5a.012)	Comprimento = 57 mm	Masculino
Talus direito (295.5a.013)	Comprimento = 46 mm	Feminino
Talus direito (295.5a.014)	Comprimento = 55 mm	Masculino
Calcâneo direito (295.5a.015)	Comprimento = 76 mm	Masculino

Devido tanto à grande fragmentação do material a análise morfológica ficou seriamente limitada, não sendo possível estimar os índices de robustez e de achatamento nem o cálculo da estatura para além dos traços morfológicos não métricos. Estes, não puderam ser observados devido à grande fragmentação do material e conseqüente não preservação das zonas anatómicas a observar. Quanto à morfologia dentária destaca-se a presença de cúspide supranumerária C6 num 3.º molar inferior esquerdo recuperado (tabela 4).

TABELA 4. RESULTADOS DA ANÁLISE MORFOLÓGICA DENTÁRIA DOS DENTES DEFINITIVOS DO THOLOS DE AGUALVA

CARÁCTER DENTÁRIO	N
M1 - N.º cúspides + ASU = 5	3/3
M1 – Padrão de cúspides + ASU = Y	3/3
M1 – Presença de C6 + ASU = +	0/3
M1 – Presença de C7 + ASU = +	0/3
M2 - N.º cúspides + ASU = 4	3/3
M2 – Padrão de cúspides + ASU = X	2/2
M2 – Presença de C6 + ASU = +	0/3
M2 – Presença de C7 + ASU = +	0/3
M3 - N.º cúspides + ASU = 5	2/2
M3 – Padrão de cúspides + ASU = X	2/2
M3 – Presença de C6 + ASU = +	1/2
M3 – Presença de C7 + ASU = +	0/2

detectadas perdas ante-mortem de dentes (0/8 alvéolos). Estes valores representam assim 14,6% da amostra (7/48), o que se enquadra dentro dos obtidos para outras amostras coevas (Silva, 2002).

Foram observadas pequenas lesões *ante-mortem* nas zonas de inserções musculares e algum crescimento ósseo nos bordos das superfícies articulares (grau 1). No entanto, salienta-se que a maioria das superfícies articulares não está representada, logo a artrose poderá estar subrepresentada. Vários fragmentos de diáfises de tíbias mostram sinais de pequenas reacções inflamatórias que ocorreram no perióstio, sendo a tíbia esquerda 295.4a.013 um exemplo de periostite remodelada (Fig. 10). Uma falange proximal do 1.º dedo do pé (295.08.074), na sua articulação proximal, ou seja para o 1.º metatársico, mostra uma lesão lítica compatível com *osteocondritis dissecans* (OD) (Fig. 11). Esta condição patológica de etiologia diversa pode ser o resultado da necrose de uma pequena porção de tecidos na articulação, podendo não ter causado qualquer impedimento à locomoção do indivíduo (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998).

Em termos de perda ante-mortem de dentes, ou seja, a perda de dentes ainda em vida do indivíduo, três fragmentos de mandíbulas exibem evidências desta patologia correspondendo a 17,5% dos alvéolos inferiores (7/40 alvéolos). Nos dois fragmentos de maxilar superior não foram



FIG. 10. Periostite com aspecto remodelado na superfície medial ao meio da diáfise de uma tíbia esquerda de *tholos* de Agualva (295.04a.013).



FIG. 11. Evidência de *osteocondritis dissecans* numa falange proximal do 1.º dedo do pé recuperada do *tholos* de Agualva (295.08.074), na articulação para o 1.º metatársico.

Dos três fragmentos de mandíbulas destaca-se a peça 295.60.04, uma mandíbula incompleta, com evidências de cinco dentes perdidos em vida, dos dez em que é possível confirmar este parâmetro. Junto ao alvéolo do 1.º pré-molar esquerdo é ainda visível um orifício remodelado, atribuível a um granuloma ou quisto. Em seis dentes definitivos foram registadas lesões cariogénicas, cinco superiores (5/8 dentes) e um inferior (1/12 dentes), correspondendo a 30% dos dentes (6/20). No 3.º molar inferior direito do fragmento mandibular 295.60.03 a cárie é de tamanho pequeno e visível na superfície oclusal. Nos dentes superiores, as cáries detectaram-se num canino, dois 1.º molares e dois 2.º molares. Três destas lesões são de tamanho grande, uma média e uma pequena. Esta última, foi observada na superfície oclusal de um 1.º molar superior esquerdo (295.109.003), enquanto as restantes, com excepção da registada no canino, desenvolveram-se nas superfícies interproximais dos dentes. No canino, a lesão cariogénica destaca-se pelo seu grande tamanho, para além de não ser um tipo de dente usualmente afectado por esta patologia infecciosa. Quatro dos dentes superiores com esta patologia poderiam inclusivamente pertencer ao mesmo indivíduo. A percentagem de dentes com cáries nesta amostra é bastante elevada (30%). Contudo, este valor pode estar enviesado face ao reduzido número de peças dentárias recuperadas. Segundo Silva (2002), que estudou várias amostras coevas, a frequência de cáries nestas populações pré-históricas é usualmente baixa, não ultrapassando os 8%. Foram registados vestígios de tártaro em oito dentes (8/20). O desgaste dentário médio dos dentes é de 3,77 (n=22), grau 4 para a dentição superior (n=9 dentes) e grau 3,6 para a inferior (n = 13). Esta inclui ainda um dente anterior superior com desgaste máximo (8) e mais dois, um de cada maxilar, com um desgaste dentário de severidade de grau 7. Estes valores enquadram-se nas médias obtidas por Silva (2002), que obteve valores médios entre 3,10 e 4,00 para populações coevas. Não foram detectadas hipoplasias do esmalte dentário nos 20 dentes passíveis de análise.

CONCLUSÃO

A série osteológica do *tholos* de Agualva, composta cerca de 600 fragmentos ósseos, mostra-se muito fragmentada e com a maioria das extremidades dos ossos longos ausentes. O número mínimo de indivíduos é de doze, oito adultos e quatro não adultos com idades entre os 5 e 14 anos. Estes números parecem claramente subestimados face à quantidade de material, sobretudo ossos longos, para a qual não foi possível uma identificação precisa impedindo a sua utilização na estimativa do NMI. A fragmentação do material dificultou as análises paleodemográfica e paleopatológica, e impediu a análise morfológica. Porém, foi possível saber que pelo menos três dos oito indivíduos adultos eram do sexo masculino e dois do feminino; e que dois adultos faleceram após os 30 anos de idade.

Na interpretação dos dados deve ainda ser referido que, face às condições da descoberta deste sepulcro, bastante material se possa ter perdido aquando da abertura da vala e no processo sumário de escavação. Esta circunstância poderá, pelo menos em parte, explicar o reduzido número de indivíduos identificados, correspondendo ao *tholos* estremenho com menor número de indivíduos (Fig. 12).

Se fizermos uma leitura integrada com os outros sepulcros contemporâneos, verifica-se que «as antas surgem como o tipo de necrópole com o efectivo de deposições mais reduzido e os *tholoi* com o mais elevado – ainda que o *tholos* de Pai Mogo 1 contribua com dois terços das deposições conhecidas neste tipo de sepulcro na Estremadura» (Boaventura, 2009, p. 301). O elevado número de indivíduos de Pai Mogo 1 pode ser explicado com razões de ordem cultural e simbólico, uma vez que na região da Lourinhã escasseiam os monumentos megalíticos enquanto que em Sintra, existe um conjunto significativo de sepulcros.

Em suma, apesar de todos os constrangimentos existentes no estudo de espólios ósseos antigos, a presente análise constitui mais um testemunho de que vale a pena visitar colecções antigas!

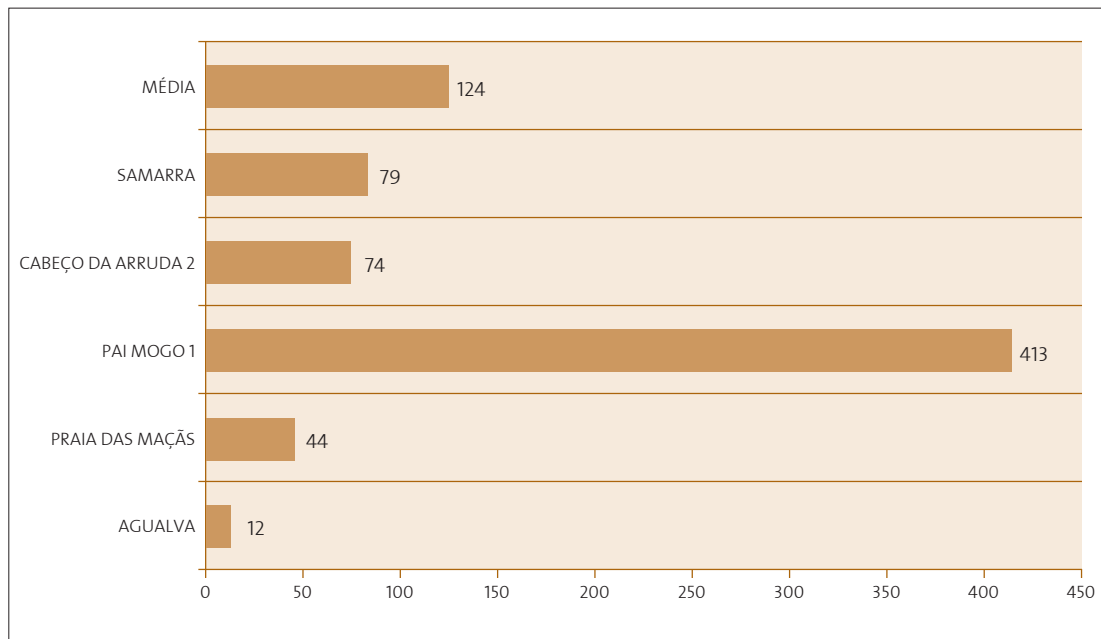


FIG. 12. NMI por *tholos* (Centro – Sul de Portugal; figura adaptada da figura 14 de Boaventura, 2009. Na presente figura está actualizado NMI estimado para Agualva).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a oportunidade de contribuir na presente homenagem e a colaboração de Ana Catarina Sousa, Marco Andrade, Lucy Evangelista, Filipa Bragança e Maria Catarina Coelho na conclusão do presente trabalho; ao CIAS (PEst-OE/SADG/UI0283/2013) pelo apoio financeiro concedido para a realização deste trabalho. Ao Projecto PortAnta – Archaeological Opportunities in Portugal – American Institute of Archaeology. À Raquel Reis.

BIBLIOGRAFIA

- Alqahtani, S. J.; Hector, M. P.; Liversidge, H. M. (2010) – Brief communication: The London atlas of human tooth development and eruption. *American Journal of Physical Anthropology*, 142:481-90.
- Aufderheide, A. C.; Rodríguez-Martín, C. (1998) – *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Boaventura, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Lisboa : [s.n.], 2009. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. 2 vol. Policopiado.
- Boaventura, R.; Ferreira, M. T.; Neves, M. J.; Silva, A. M. (2014) – Funerary practices and anthropology during the middle-late Neolithic (4th and 3rd Millenia BCE) in Portugal: old bones, new insights. *Anthropologie LII* (2): 183-205.
- Boaventura, R.; Ferreira, M. T.; Silva, A. M. (2013) – Perscrutando espólios antigos: A Anta de Sobreira I (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16: 63-79.
- Buikstra, J. E.; Ubelaker, D. H. (eds.) (1994) – *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas Archaeological Survey Research Series.
- Crubézy, E. (1988) – *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caractères discrets. Exemple d'une population médiévale: Canac (Aveyron)*. Thèse de Doctorat. Montpellier, Université de Montpellier I.
- Crubézy, E. (2000) – L'étude des sépultures ou du monde des morts au monde des vivants: anthropologie, archéologie funéraire et anthropologie de terrain. In Ferdière, A. (ed.) (2000) – *L'Archéologie Funéraire*. Paris: Collections Archéologiques. Editions Errance: 8-54.
- Dias, G.; Tayles, N. (1997) – Abscess Cavity – a Misnomer. *International Journal of Osteoarchaeology*, (7): 548-554.
- Ferembach, D.; Schwidetzky, I.; Stloukal, M. (1980) – Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9: 517-549.
- Ferreira, O. V. (1953) – O monumento pré-histórico de Agualva (Cacem). *Zephyrus*. Salamanca, 4, p. 145-166 il.
- Herrmann, B.; Grupe, G.; Hummel, S.; Piepenbrink, H.; Schutkowski, H. (1990) – *Praehistorische Anthropologie. Leitfaden der Fels- und Labormethoden*. Springer Verlag. Berlin.
- Leisner, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. 3. Lieferung. Berlin: Walter de Gruyter.
- Lukacs, J. R. (1989) – Dental anthropology: methods for reconstruction dietary patterns. In Iscan, M.; Kennedy, K. (eds.) – *Reconstruction of life from the skeleton*. New York, Alan R. Liss Inc. 261-286.
- MacLaughlin, S. M. (1990) – Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8: 59-68.
- Moore W. J.; Corbett E. (1971) – The distribution of dental caries in ancient British populations. I Anglo Saxon Period. *Caries Res*, 5:151-68.
- Scheuer, L., Black, S. (2000) – *Developmental juvenile osteology*. London. Academic Press.
- Silva, A. M. (1993) – *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II. Estudo Antropológico*. Relatório de investigação em Ciências Humanas. Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- Silva, A. M. (1995) – Sex assessment using calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13: p. 85-97.
- Silva, A. M. (1996) – *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV-III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. D.A.U.C. Coimbra.
- Silva, A. M. (2000) – Inumações Colectivas: algumas considerações sobre a respectiva análise paleobiológica. Contributos das Ciências e das Tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. ADECAP. Porto. Vol. IX: 321-327.
- Silva, A. M. (2002) – *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Portuguesas (litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*. Tese de Doutoramento apresentada à F.C.T.U.C. Coimbra.
- Silva, A. M.; Boaventura, R.; Ferreira, M. T.; Marques, R. (2012) – Skeletal evidence of interpersonal violence from Portuguese Late Neolithic Collective burials: an overview. In Schulting, R; Fibiger, L. (eds.) – *Sticks, Stones, and Broken Bones: Neolithic Violence in a European Perspective*. Oxford, Oxford University Press: 317-340.
- Silva, A. M.; Boaventura, R.; Pimenta, J.; Detry, C.; Cardoso, J. L. (2014) – Perscrutando espólios antigos: A Gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 21:159 – 182.
- Silva, A. M.; Ferreira, M. T. (2007) – Os ossos humanos «esquecidos» da Praia das Maças. Análise antropológica da amostra óssea do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Conimbriga* 46: 5-26.

- Silva, A. M.; Ferreira, M. T. (2008a) – C2-C3 block vertebrae in a Late Neolithic/Chalcolithic child exhumed from a Portuguese collective grave. *Homo* 59: 41-46 (DOI: 10.1016/j.jchb.2007.06.001).
- Silva, A. M.; Ferreira, M. T. (2008b) – Short communication: signs of trauma in an adult parietal bone exhumed from a Portuguese prehistoric collective burial. *Collegium Anthropologicum* 32(2): 633-635.
- Silva, A. M.; Ferreira, M. T.; Codinha, S. (2006) – *Praia da Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas*. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (2): 157-170.
- Silva, A. M.; Ferreira, M. T.; Cunha, E. (2008) – *Os restos ósseos humanos recuperados do sepulcro megalítico do Monte da Velha I (MVI) (Vila Verde de Ficalho, Serpa)*. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (1): 53-55.
- Smith, B. H. (1984) – Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology* 63: 39-84.
- Smith, B. H. (1991) – Standards of human tooth formation and dental age assessment. In Kelley, M. A.; Larsen, C. S. (eds.) – *Advances in Dental Anthropology*. New York. Wiley-Liss: 143-168.
- Spindler, K. (1972) – Die tholos von Pai Mogo/Portugal. *Madrid Mitteilungen*. Heidelberg: Deutsches Archäologisches Institut Abteilung Madrid, 13, p. 38-82.
- Turner, C.; Nichol, C.; Scott, R. (1991) – Scoring Procedures for Key Morphological Traits of the Permanent Dentition: The Arizona State University Dental Anthropology System. In Kelly, M.; Larsen, C. (eds.) – *Advances in Dental Anthropology*. New York. Wiley-Liss, Inc.: 13-31.
- Wasterlain, S. (2000) – *Morphé. Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. D.A.U.C. Coimbra.